

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão
da Educação Brasileira 4



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| A945 | <p>Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 4 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 4)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-461-0 DOI 10.22533/at.ed.610191007</p> <p>1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.981</p> |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| (DES) CAMINHOS DA AVALIAÇÃO DA QUALIDADE NOS CURSOS DE PEDAGOGIA NO BRASIL | |
| Jeferson Saccol Ferreira | |
| Elisa Christina Ferreira | |
| Júlio Alex Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.6101910071 | |
| CAPÍTULO 2 | 22 |
| A “COLA” NA AVALIAÇÃO DO ENSINO E APRENDIZAGEM NA VISÃO DE ALUNOS(AS) NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO SÃO SEBASTIÃO, APUIARÉS-CE | |
| Ivan Costa Lima | |
| Fabiana Almeida de Abreu | |
| DOI 10.22533/at.ed.6101910072 | |
| CAPÍTULO 3 | 36 |
| A AUTOAVALIAÇÃO COMO FERRAMENTA DE ESTÍMULO AO CRESCIMENTO PESSOAL E DE GRUPOS DE TRABALHO | |
| Bruna Larissa Maganhe | |
| Ana Luiza Carvalho de Oliveira Galvão | |
| Henrique Cancian | |
| Carmo Gabriel da Silva Filho | |
| Gustavo Cardoso Lima | |
| Nathalia Tami Nishida | |
| Iago Vinícius Teodoro Carraschi | |
| Bianca Freire Bium | |
| Bruna Alves Malheiros | |
| Mellory Martinson Martins | |
| Roberto Ruy Mendes de Araújo Filho | |
| Marcelo Machado De Luca de Oliveira Ribeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.6101910073 | |
| CAPÍTULO 4 | 40 |
| A COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO DAS FACULDADES PRIVADAS DO SUL CATARINENSE | |
| Kelli Savi da Silva | |
| Antonio Serafim Pereira | |
| DOI 10.22533/at.ed.6101910074 | |
| CAPÍTULO 5 | 52 |
| REFLEXÕES SOBRE O PROJETO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DE UMA UNIVERSIDADE MULTICAMPI: O CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA | |
| Rafael Martins Sais | |
| DOI 10.22533/at.ed.6101910075 | |

CAPÍTULO 6 63

A UTILIZAÇÃO DE ATIVIDADES PRÁTICAS PARA MELHORAR O DESEMPENHO DE ALUNOS NA PROVA BRASIL

Elenise Neuhaus Diniz
Carine Girardi Manfio
Carla Loureiro Alves Kleinubing
Felipe Klein Genz
Welington dos Santos Ruis

DOI 10.22533/at.ed.6101910076

CAPÍTULO 7 69

ARTICULAÇÃO ENTRE AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Walterlina Brasil
Clésia Maria de Oliveira
Aline Andriolo

DOI 10.22533/at.ed.6101910077

CAPÍTULO 8 82

AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL, SISTEMAS DE GESTÃO DE INFORMAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Maytê Cabral Mesquita
Maria Carolina Tomás
Kleber Jacques Ferreira de Souza
Leandro Figueira Lessa

DOI 10.22533/at.ed.6101910078

CAPÍTULO 9 93

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DOS CONTEÚDOS ESCOLARES: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA PELO OLHAR DAS TEORIAS CRÍTICAS

Deli Vieira Silveira
João Luiz Gasparin

DOI 10.22533/at.ed.6101910079

CAPÍTULO 10 106

AVALIAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: INDICADORES E MAPEAMENTO DE PROCESSOS

Guilherme Krause Alves
Luciane Stallivieri
Rogério da Silva Nunes

DOI 10.22533/at.ed.61019100710

CAPÍTULO 11 119

AVALIAÇÃO DA PESQUISA DESENVOLVIDA NA UFSC EM PARCERIA COM AS SUAS FUNDAÇÕES DE APOIO

Carla Cerdote da Silva
Alexandre Marino Costa
Lilian Wrzesinski Simon
Alexandre Moraes Ramos

DOI 10.22533/at.ed.61019100711

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 12 | 136 |
| AVALIAÇÃO DE COTISTAS E NÃO COTISTAS: UMA ANÁLISE DO DESEMPENHO ACADÊMICO E DA EVASÃO EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO | |
| Amália Borges Dário Rogério da Silva Nunes | |
| DOI 10.22533/at.ed.61019100712 | |
| CAPÍTULO 13 | 155 |
| AVALIAÇÃO DE CURSOS E INSTITUIÇÕES: SISTEMA OU PROCESSO? | |
| Jacqueline Oliveira Lima Zago Vinícius Silva Flausino | |
| DOI 10.22533/at.ed.61019100713 | |
| CAPÍTULO 14 | 166 |
| AVALIAÇÃO DO ENSINO DA SUSTENTABILIDADE NOS MELHORES CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA CIVIL DO BRASIL | |
| Juliana Ferreira Bezerra Moccock Felipe Guilherme de Oliveira Melo Ângela Tainá da Silva Monteiro Clarissa Nogueira Pessoa Isabela Nascimento Carneiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.61019100714 | |
| CAPÍTULO 15 | 183 |
| AVALIAÇÃO FORMATIVA DOCENTE E DISCENTE EM DIFERENTES CONTEXTOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL: UMA REFLEXÃO COMPARATIVA | |
| Fernanda Sprada Lopes Silvana Mara Bernardi Rizotto Ivo José Both | |
| DOI 10.22533/at.ed.61019100715 | |
| CAPÍTULO 16 | 189 |
| INSTRUMENTOS PARA A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE EM INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS | |
| Carin Carvalho Brugnara | |
| DOI 10.22533/at.ed.61019100716 | |
| CAPÍTULO 17 | 203 |
| NOVA PERSPECTIVA DE AVALIAÇÃO NAS LICENCIATURAS: A CONFECÇÃO E APLICAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS | |
| Ezequias Cardozo da Cunha Junior Augusto Helberty Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.61019100717 | |
| CAPÍTULO 18 | 211 |
| O AMBIENTE ESCOLAR: A RELAÇÃO ENTRE O ESPAÇO EDUCACIONAL E A APRENDIZAGEM | |
| Humberto Torres Gonzales | |
| DOI 10.22533/at.ed.61019100718 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 19 | 217 |
| POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR E EVOLUÇÃO DE INDICADORES DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE ENTRE 1995 E 2013: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO | |
| Alexandre Ramos de Azevedo | |
| DOI 10.22533/at.ed.61019100719 | |
| CAPÍTULO 20 | 235 |
| REFLEXÃO NARRATIVA E ANÁLISE DA MINHA PRÁTICA COMO DOCENTE | |
| Rubens Paulo Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.61019100720 | |
| CAPÍTULO 21 | 251 |
| RELAÇÃO DOS INDICADORES DE AVALIAÇÃO COM <i>PERFORMANCE</i> : O CASO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COMUNITÁRIAS | |
| Jênifer de Brum Palmeiras | |
| Denize Grzybovski | |
| DOI 10.22533/at.ed.61019100721 | |
| CAPÍTULO 22 | 271 |
| TECNICAS MISTAS DE COLETA DE DADOS EM PESQUISA QUALITATIVA. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS AVALIATIVAS DOS PROFESSORES ESPECIALISTAS DA UNNE | |
| Rocio Mariel Obez | |
| Laura Isabel Avalos Olivera | |
| Marlene Soledad Steier | |
| Milena María Balbi | |
| DOI 10.22533/at.ed.61019100722 | |
| CAPÍTULO 23 | 284 |
| USO DE ABORDAGEM QUALITATIVA EM PROCESSO DE AUTOAVALIAÇÃO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO | |
| Neide Aparecida de Souza Lehfeld | |
| Edilson Carlos Caritá | |
| Manoel Henrique Cintra Gabarra | |
| Carlos Eduardo Saraiva Miranda | |
| DOI 10.22533/at.ed.61019100723 | |
| CAPÍTULO 24 | 294 |
| POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: FLUÊNCIA TECNOLÓGICO-PEDAGÓGICA NA REDE E-TEC BRASIL UFSM | |
| Sabrina Bagetti | |
| Alessandro Carvalho Miola | |
| Elena Maria Mallmann | |
| DOI 10.22533/at.ed.61019100724 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 309 |

A “COLA” NA AVALIAÇÃO DO ENSINO E APRENDIZAGEM NA VISÃO DE ALUNOS(AS) NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO SÃO SEBASTIÃO, APUIARÉS-CE

Ivan Costa Lima

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - Redenção-CE. Doutor em Educação

Fabiana Almeida de Abreu

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - Redenção-CE. Bacharel em Humanidades. Graduanda em História

RESUMO: A “cola” constitui-se uma problemática no processo da educação formal e, ainda pouco discutida, pelos órgãos responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem escolar. A avaliação, principal instrumento metodológico para aferir o desempenho da aprendizagem escolar do aluno(a), em muitos casos, sofre com a utilização de meios considerados ilícitos praticados por estudantes em sala de aula. Alguns estudos, a partir de uma visão ética consideram a “cola,” em vários momentos na escola, como uma prática fraudulenta. Outros consideram esta ação como justificável como direito de aluno(a) em aprender. Deste modo, objetiva-se no presente trabalho analisar a presença da “cola” dentro da escola pública de Ensino Médio São Sebastião, situada no município de Apuiarés-CE, a partir da visão dos alunos(as) do terceiro ano. Buscou-se compreender as possíveis causas que levam

os estudantes a “colar” durante as provas avaliativas em sala de aula. Para desenvolver esta pesquisa utilizou-se uma abordagem qualitativa e quantitativa, com uso de materiais bibliográficos que possibilitaram maior compreensão deste fenômeno. Assim como, de questionários destinados aos alunos(as) com perguntas objetivas a respeito do tema. Os resultados deste estudo apontam que há uma utilização desta prática por parte dos estudantes, funcionando para muitos como uma busca em prosseguir na sua trajetória escolar, o que pode indicar que há uma reflexão a ser feita sobre os métodos de avaliação utilizados neste nível de ensino. Considera-se a necessidade de uma discussão profunda das escolas sobre este tema, já que se evidenciou o uso da “cola” em diferentes momentos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem, “Cola”, Avaliação, Ensino Médio.

ABSTRACT: The “glue” is a problem in the process of formal education and, still little discussed, by the bodies responsible for the process of teaching and learning at school. The evaluation, the main methodological tool to measure the student’s learning performance in many cases, suffers from the use of means considered illegal by students in the classroom. Some studies, from an ethical viewpoint consider the “glue,” at various times in the school, as a

fraudulent practice. Others consider this action as justifiable as a student right to learn. In this way, the objective of this study is to analyze the presence of the “cola” within the São Sebastião Public School, located in the municipality of Apuiarés-CE, from the perspective of the students of the third year, looking for understand the possible causes that lead them to “stick” during the evaluative tests in the classroom. In order to develop this research, a qualitative and quantitative approach was used, as well as the use of bibliographic materials that enabled a greater understanding of this phenomenon. As well as a questionnaire for students in the classroom with objective questions about the subject. The results of this study point out that there is a use of this practice by the students functioning as a search to continue in their school trajectory, which may indicate that there is a reflection about the evaluation methods used at this level of education. We place the need for a thorough discussion of the schools on this topic, since the use of “glue” at different moments was evidenced.

KEYWORDS: Teaching-learning, “Cola”, Assessment, Secondary School

1 | INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada como requisito final para a obtenção do grau de bacharel em Humanidades, dentro do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), situada em Redenção no estado do Ceará. Universidade que tem como foco a interiorização no estado e a internacionalização com os países de língua portuguesa do continente africano e o Timor Leste.

O objetivo do estudo foi analisar a presença ou não da “cola” dentro da escola pública de Ensino Médio São Sebastião, situada no município de Apuiarés-CE, a partir da visão dos alunos(as) de terceiro ano. Para seu desenvolvimento, utilizou-se uma abordagem qualitativa e quantitativa, com uso de materiais bibliográficos que possibilitaram maior compreensão deste fenômeno, e de um questionário contendo perguntas fechadas e abertas sobre o assunto destinado aos alunos(as) responderem em sala de aula.

Para tanto, no decorrer do texto trabalhou-se diferentes abordagens conceituais sobre a “cola” e sua relação com o processo avaliativo de ensino e aprendizagem do aluno(a). A partir disso, coloca-se em evidência a necessidade de problematizar o processo de ensino-aprendizagem exercido nas escolas públicas brasileiras. Segue-se em discutir a metodologia de avaliação utilizada, já que dependendo da forma escolhida, esta pode ou não potencializar o uso da “cola”, tendo em vista que, na maioria das vezes, a avaliação tem como maior preocupação a mensuração, a partir do uso de provas e notas.

Assim, observa-se que a “cola” constitui uma problemática dentro da educação formal e ainda pouco discutida pelos órgãos responsáveis pelo processo do ensino e aprendizagem escolar.

Nesta direção, Abrantes (2008, p. 76) situa que: “A origem da gíria brasileira “cola” é atribuída ao termo francês “*colle*”, que tanto significa o ato de grudar ou unir quanto expressa a dificuldade ou problema a resolver”. Assim, a “cola” ou “pesca” como é conhecida popularmente é um ato que tem sido utilizado pelo aluno(a) durante a realização das provas avaliativas no processo da educação formal.

Apesar de pouco discutida, observa-se a partir de Freitas (2002, p. 34), que a “cola” é uma prática tão antiga quanto às instituições de educação formal, sendo combatida rigorosamente pelas instituições de ensino. No entanto, a “cola” encontra-se interligada com os métodos avaliativos utilizados para diagnosticar a aprendizagem do aluno(a), em especial as provas.

Quando nos referimos as provas, o que se visualiza é que para o aluno(a), mesmo sendo uma prática comum durante o processo escolar, em grande parte torna-se um momento que traz desconforto e nervosismo, provavelmente, pelo medo da reprovação e pela cobrança de notas pelos pais.

Assim, discute-se que as avaliações funcionam como uma estratégia pedagógica do ensino que resulta no levantamento de dados a partir dos resultados alcançados pelo aluno(a) nas provas. As atividades avaliativas têm como objetivo diagnosticar a aprendizagem do aluno(a) em sala de aula, sendo assim “as provas escritas e outros instrumentos de verificação são meios necessários de obtenção de informação sobre o rendimento dos alunos”. (LIBÂNEO, 1994, p.200)

No entanto, como afirma Abrantes (2008, p.105) parece existir uma preocupação excessiva relacionada às boas notas. Diante disso, o autor refere-se a uma pedagogia da “cola” em que o interesse do aluno(a) está vinculado, na maioria das vezes, em atingir uma boa nota, não importando como vão conseguir-las, e sem uma preocupação em construir uma aprendizagem plena. “De instrumento de diagnóstico para o crescimento, a avaliação passa a ser um instrumento que ameaça e disciplina os alunos(as) pelo medo” (LUCKESI, 2008, P.40). Nesta consideração a função da avaliação está alicerçada quase que exclusivamente na medição dos conteúdos aprendidos, levando-se ao uso da “cola” ao longo do processo. Portanto, a prática da “cola” por ser proibida pelas instituições de ensino, acaba tornando-se algo ilegal, mas não debatida. Apesar dos estudantes saberem que não podem utilizar materiais de consulta nas avaliações, muitos deles avançam na escola por utilizar meios proibidos para alcançar um bom desempenho em suas provas.

Diante desta problemática, a pesquisa trouxe como questão chave: qual a visão do aluno(a) a respeito do uso da “cola” no processo de avaliação do ensino aprendido? Em torno deste problema, discute-se como o “colar” vai contra as normas da escola, assim como salienta-se seus motivos. Segundo o professor José Abrantes (2008, p. 21) são de diversas ordens as razões que levam o aluno(a) a “colar” durante as avaliações: aulas chatas, professores desmotivados, conteúdos sem sentido prático, aluno desmotivado com a escola sem perspectiva de futuro, preocupação somente com as notas para serem aprovados no final do ano letivo.

A partir destas considerações podemos supor que “[...] a compreensão do fenômeno “cola” como algo que pode estar relacionado aos métodos de ensino e avaliação da aprendizagem, nos quais se privilegia a memória [...]” (FREITAS, 2002, p. 44). De acordo com o autor, percebe-se que o aluno(a) pode ver a “cola” como uma forma para memorização de conteúdos que ele não conseguiu dominar, a “cola” torna-se uma ferramenta, um auxílio para fixar as informações que estarão presentes na prova.

Diante destas diferentes questões e dos resultados, aqui apontados, indica-se que há uma reflexão a ser feita sobre os métodos de avaliação utilizados neste nível de ensino, da mesma forma, que as escolas devem enfrentar esta discussão de maneira mais ampla e aberta.

2 | A AVALIAÇÃO DA APREDIZAGEM E A PRÁTICA DA “COLA” DENTRO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO FORMAL

Quem nunca ouviu falar da “cola” ou qualquer outro substantivo que se venha a utilizar para designar as práticas consideradas por alguns estudiosos como fraudes? Em especial, nos momentos que ocorrem durante as provas avaliativas do ensino e aprendizagem do estudante em sala de aula. Pois, neste caso, a “cola” “no linguajar escolar, indica o ato pelo qual um estudante copia a resposta dada por outro colega a determinado item de teste ou prepara uma cópia prévia para usá-la como base para sua resposta” (LUCKESI, 2011, p.412).

Neste caso, a avaliação é questionada em seu sentido educativo, pois segundo observa Libâneo (1994, p. 101), os métodos avaliativos acabam por criar hierarquias entre os alunos(as), pois o que se tem visado no processo avaliativo são as notas. Elas têm sido usadas como instrumento de medição do saber da aprendizagem escolar, acarretando em muitos casos uma divisão entre os alunos(as).

Discute-se a importância da avaliação, considerando-a sua utilização a partir do ensino fundamental até o ingresso do estudante na universidade, como métodos para analisar o desempenho do educando em sala de aula. No entanto, nem sempre este procedimento consegue determinar se o educando realmente compreendeu e internalizou de forma correta todos os conteúdos ensinados pelo professor(a). Sobre isso, Libâneo (1994, p.195) vai considerar que:

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias.

Nessa perspectiva, podemos compreender a avaliação como métodos adotados nas escolas para diagnosticar e intervir, caso necessário, no processo de aprendizagem

dos estudantes. Tem-se a cada bimestre ou semestre do ano letivo a realização das provas com o intuito de averiguar se a aprendizagem dos estudantes está ocorrendo como se espera por pais e pela gestão escolar. Para tanto, estes instrumentos deveriam ser orientados de forma que “[...] a avaliação educacional deverá manifestar-se como um mecanismo de diagnóstico da situação, tendo em vista o avanço e o crescimento e não a estagnação disciplinadora” (LUCKESI, 2008, p.32).

Assim, por meio dos resultados alcançados nas provas avaliativas (positivos ou negativos), o professor analisa o rendimento escolar dos seus alunos(a)s, pois através das avaliações é possível acompanhar os avanços e reparar as possíveis dificuldades que surgem durante o processo de aprendizagem do estudante. Sendo assim:

Podemos, então, definir a avaliação escolar como um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes (LIBÂNEO, 1994, p.196)

Discutimos que, os métodos avaliativos recorrentes, frequentemente, aparecem de forma desconfortável para os estudantes, mesmo considerados como indispensáveis no processo de diagnosticar o ensino e aprendizagem escolar “[...] a escola, os professores, os alunos(as) e os pais necessitam da comprovação quantitativa e qualitativa dos resultados do ensino e da aprendizagem para analisar e avaliar o trabalho desenvolvido” (LIBÂNEO, 1994, p.200). Por meio das provas, se considera um diagnóstico parcial da aprendizagem do aluno(a), ressaltando-se que os resultados devem ser trabalhados com atenção.

No entanto, de maneira geral, segundo evidência Libâneo (1994) os métodos avaliativos utilizados pelas instituições de ensino têm sido criticados por exercer a função classificatória sobre os alunos(as). O que se tem visado no processo avaliativo são as notas. Portanto, nestes casos ela pode estabelecer conexão entre a avaliação e a utilização da “cola”, já que o foco parece estar única e exclusivamente alicerçado pela medição.

Neste caso, as provas avaliativas tendem a mostrar o que o estudante conseguiu assimilar e expressar de conhecimento até o momento da prova, caso esse desempenho seja baixo é porque o aluno não se dedicou aos estudos, as consequências disso será uma nota baixa que pode acarretar em uma reprovação.

Esse tipo de avaliação é considerado classificatório, punitivo e reprodutivista, pois o objetivo é coletar informações sobre o que o aluno alcançou nos resultados, ou seja, a avaliação não se caracteriza como um instrumento de avaliação do processo de ensino e aprendizagem, mas um meio de controle e seleção dos educandos, dos educadores e da escola. (FONSECA; OLIVEIRA, 2006, p. 81).

O que se observa é que nesse processo avaliativo a “cola” ou “pesca”, como é popularmente conhecida na linguagem de muitos estudantes, acaba sendo utilizada, ferindo as normas éticas escolares, assim a “cola”:[...] “indica o ato pelo qual um estudante copia a resposta dada por outro colega a determinado item de teste ou

prepara uma cópia prévia para usá-la como base para sua resposta”. (LUCKESI, 2011, p. 412), sem uma preocupação com o aprendizado.

Constata-se que a “cola” é uma prática rotineira e bastante conhecida pelos estudantes, onde as táticas são as mais criativas possíveis, algumas bem antigas outras tecnológicas. Ao longo do tempo essas táticas vão sendo aperfeiçoadas pelos estudantes de maneira que o professor não seja capaz de desconfiar. Apesar dos estudantes saberem que não podem utilizar materiais de consulta nas avaliações, muitos deles avançam na escola através desta prática.

As formas mais evidente para o uso da “cola” são a troca de informações entre aluno(a)s, por meio da observação da prova do colega. De anotações escritas nas carteiras, a “cola” clássica em pedacinhos de papéis, mesas, paredes da sala de aula, na lousa de forma a “enchê-la de coisas escritas de outra disciplina e, no meio, de forma bem sutil, coloca-se o que interessa” (ABRANTES, 2008, p.76). Outras, em partes do corpo, como mãos, braços, em parte da sua vestimenta como tênis, blusa, bolsos da calça. Em materiais escolares, como lápis, caneta, borracha, cadernos, livros, folhas de rascunho, “folhas de almoço adulteradas, obtidas em dia anterior, que vêm com conteúdos a lápis, que fazem a substituição das folhas oficiais, sendo o conteúdo apagado posteriormente” (IOCOHAMA, 2004, p.27). Ou ainda, na utilização de aparelhos eletrônicos como na troca de mensagens e pesquisas na internet.

Nesta direção, estas diferentes formas de utilização da “cola” ao longo do processo avaliativo colocam algumas reflexões sobre os motivos para tal. Um deles é considerar que conteúdo abordado em sala de aula não provocar a curiosidade do aluno(a) e, conseqüentemente, o estudante não busca uma real aprendizagem, o que se constrói é uma fixação em alcançar uma nota para serem aprovados.

Outro aspecto da “cola” é a falta de discussão desta questão, não se reflete junto com professores, pais e todo o corpo escolar no sentido de entendê-la como um procedimento com diversas vertentes.

Neste sentido, a partir de estudos que têm como base uma visão ética a “cola” é vista, em vários momentos pela escola, como uma prática fraudulenta no processo de aprendizagem escolar do educando. Conforme pontua Iocohama (2004, p. 26) “tem-se pela conduta colar, qualquer forma de atitude capaz de trazer para a avaliação informações que não correspondem unicamente com o conhecimento do avaliando”. Para ele, o aluno(a) ao “colar” está se beneficiando de um conhecimento que não é seu. Assim, segue: “pode-se dizer que “colar” é uma forma de pesquisa caracterizada como ilícita, já que desautorizada por normas institucionais ou até por determinações estabelecidas pelo professor” (IDEM, 2004, p.26).

Por outro lado, Martins (2004, p. 01) aponta o fenômeno da “cola” como uma liberdade do aluno de aprender: “[...] vejo a “cola” não como fraude ou ato clandestino do aluno, mas como manifestação ou recurso de liberdade de aprender do aluno e estratégia de recuperação dos alunos de baixo rendimento”. Nesta abordagem, conforme situa o autor a “cola” funcionaria como uma manifestação do aluno em

aprender da melhor maneira diante das dificuldades do processo avaliativo.

Mas, nos dois casos, nos parece que não se busca discutir, dialogar com os estudantes a respeito deste ato, considerado como fraudulento ou como instrumento de aprendizagem: “[...] O que a instituição de ensino tem feito, de maneira geral, é coibi-la, inclusive as de nível superior, sem trabalhar as causas e nem questionar a legitimidade do fenômeno [...]” (FREITAS, 2002, p. 32).

Mas, afinal, as provas são as responsáveis pela inserção desses métodos considerados fraudulentos nas avaliações? Deixando claro que este trabalho não tem nenhuma intenção de classificar as avaliações como a causa da “cola”, mas, apenas trabalhar um assunto que é tão pouco discutido dentro do espaço escolar.

Na visão de Luckesi (2011, p. 145), “A cola é estimulada pela inserção dos exames escolares na sala de aula e, ademais pela crença de que as notas correspondem efetivamente ao sucesso do educando, e não à aprendizagem”. Para este autor o ato não agrega conhecimento ao estudante, pois torna-se uma ilusão ao responder as provas com correção.

No cenário escolar existe uma supervalorização da nota, por parte de algumas instituições de ensino, que atinge diretamente o estudante, de forma que a nota passa a ser prioridade para diagnosticar a aprendizagem do aluno(a), e isso acaba abrindo espaço à “cola”.

Devido a essa importância que se dá à nota, as avaliações se encaixam em um procedimento mais classificatório do que formativo. No entanto, a avaliação não pode ser vista como algo ruim, como afirma Fonseca e Oliveira “a prova não é em si, vilã da situação, nem a utilização do uso de notas no processo de ensino e de aprendizagem os causadores das exclusões [...]” (2006, p.82). Mas, deve-se rever a forma como este instrumento é aplicado. Segundo argumenta Abrantes (2008, p. 104): “No fundo, em razão das nossas formas de lecionar e avaliar, nós, professores, incentivamos a cola, ou seja, praticamos uma pedagogia da cola”.

Para esse autor (idem, p. 22), “a maioria dos alunos(as) que “colam”, normalmente o fazem apenas com algumas disciplinas, ou seja, gostam e se interessam por umas e não por outras”. O fato desse aluno(a) “colar” na prova de uma disciplina não quer dizer que ele também cole em todas as matérias, enfim, a “cola” pode ocorrer apenas nas provas em que o aluno(a) encontre algum tipo de dificuldade em que ele veja como uma ameaça.

Segundo Freitas (2002), as instituições não buscam conhecer as causas da “cola” durante o processo avaliativo, elas se preocupam em apenas coibir esta ação. É necessário que se discuta em sala de aula professor/aluno(a) a respeito da “cola” buscando compreender suas causas, refletindo de forma ampla os porquês da utilização desse método durante a realização das provas avaliativas. Neste caso, ao invés de apenas punir, é preciso compreender o problema para buscar solucioná-lo.

Para tanto, trazemos os resultados obtidos com a pesquisa realizada junto aos estudantes e as reflexões sobre este assunto ainda tão controverso.

3 | RESULTADOS DA PESQUISA

Diante de um debate teórico que coloca a “cola” em diferentes dimensões, essa seção apresenta os resultados, proveniente da pesquisa qualitativa e quantitativa, coletados a partir da análise do questionário que foi aplicado em sala de aula.

Para uma melhor compreensão do fenômeno da “cola” nas avaliações do ensino e aprendizagem escolar foi trabalhado em sala de aula um questionário contendo 09 (nove) questões a respeito deste tema.

A pesquisa foi realizada em uma escola Estadual do município de Apuiarés – CE. Foi alvo da pesquisa estudantes do Ensino Médio que estão cursando o último ano do ciclo da educação básica, tendo em vista estarem finalizando esta fase da educação básica, nos fornecendo dados valiosos sobre como pensam este tema.

A escola de Ensino Médio São Sebastião funciona em dois turnos manhã e tarde. A pesquisa ocorreu nos dias 22 e 23 de novembro de 2016, dias em que foi aplicada nas turmas de 3º ano “A” pela manhã e o 3º ano “C” que funciona no período da tarde. Nas duas turmas em que foram aplicados os questionários todos os alunos(as) se prontificaram a respondê-los, assim como foram assinados termos de responsabilidade de ética na pesquisa.

Optamos por agregar as respostas dos questionários por turmas e indicar de forma percentual suas ocorrências, de modo a evidenciar as respostas mais significativas dadas pelos estudantes de ensino médio, de forma a compreender como eles entendem este tema em sua vida escolar.

Assim, trazemos as questões que foram formuladas:

Na questão 1: Ao perguntarmos aos estudantes pesquisados se em algum momento da sua caminhada escolar eles utilizaram a “cola” para responderem suas provas tem-se: 84% dos alunos(a)s da manhã e 76% dos alunos(a)s da tarde afirmaram que sim. Apenas 16% dos alunos(a)s da manhã e 24% dos alunos(a)s da tarde afirmaram nunca terem utilizados esse método. Diante das somas dos resultados detectamos que a maioria dos estudantes já utilizaram a “cola” em algum momento da sua caminhada escolar.

Na questão 2: Indagamos que utilidade teria a cola: De acordo com 56% dos alunos(as) da manhã e 48% dos alunos(a)s da tarde a “cola” serve quando não se tem o domínio dos conteúdos da prova, assim funcionando como um auxílio a memorização. Outros 24% dos aluno(a)s da manhã e 4% dos aluno(a)s da tarde afirmaram que a “cola” serve quando se deseja alcançar boas notas; 12% dos aluno(a)s da manhã e 4% dos aluno(a)s da tarde responderam que a “cola” serve para auxiliar nas questões que envolve cálculos matemáticos; 8% dos aluno(as) da manhã e 44% dos aluno(a)s da tarde afirmaram que a “cola”, é prejudicial ao processo de avaliação do aluno(a).

Os resultados aqui descritos mostram que a “cola” é vista por 60% dos estudantes do período da manhã e 44% dos aluno(a)s do período da tarde como um método ilícito, mas também como uma ponte de salvação na hora da prova; outros 20% dos

aluno(a)s da manhã e 16% dos aluno(a)s da tarde veem a “cola” como um auxílio na memorização dos conteúdos da prova. Em 12% dos aluno(a)s da manhã e 32% dos aluno(a)s da tarde a “cola” é uma fraude contra a aprendizagem do aluno(a); Já 8% dos aluno(a)s da manhã /tarde veem a “cola” como algo simples que não lhe trará problemas para sua formação profissional.

Ao compararmos os resultados coletados, podemos perceber que uma grande parte de estudantes reconhecem a “cola” como uma prática desonesta, ilegal, mas que muitos utilizam como material de apoio funcionando como uma ponte de salvação para alcançar boas notas. Então, em linhas gerais para o aluno(a) a “cola” pode ser vista como sua aliada durante o processo avaliativo, desde que talvez seja usada com cuidado.

Na questão 4: Ao ser perguntado o que pode levar um estudante a “colar” nas provas: 40% dos aluno(as) da manhã e 24% dos aluno(as) da tarde responderam o medo da reprovação, 32% dos aluno(as) da manhã e 40% dos aluno(as) da tarde a dificuldade de compreensão das questões presentes nas provas, conteúdos decorebas que contribui para facilitar a aplicação da “cola”; outros 16% aluno(as) da manhã e 24% dos tarde responderam que o desinteressados em sala de aula, com isso podendo adquirir uma média sem precisar se esforçar para estudar; 12% dos aluno(as) da manhã e tarde responderam insegurança na hora da prova.

Diante dos fatos analisados os resultados demonstram haver uma ligação entre o medo da reprovação e a dificuldade de compreensão do conteúdo relacionado à prova, para uma maior parte dos estudantes o medo da reprovação faz com que o aluno(a) se preocupe com a nota e a “cola” acaba funcionando como uma estratégia de obter boas notas. Verificam-se ainda neste contexto outras justificativas usadas pelos alunos(as) na tentativa de explicar a utilização da “cola”, dificuldades com os conteúdos, insegurança com a prova, como também pode indicar uma negligência do aluno(a) com os estudos uma forma de obter vantagens para conseguir uma nota boa, mas sem grande esforço (LUCKESI, 2011, p. 415). Portanto, este debate reforça este estudo que pretende compreender o olhar dos estudantes sobre este tema.

Na questão 5: A “cola pode ser uma deficiência do sistema educacional brasileiro? Das respostas: 64% dos alunos(as) da manhã e 60% dos alunos(as) da tarde não consideram a “cola” como uma deficiência do sistema de avaliação educacional. Isto pode ser verificado pela complementação das respostas, pois, segundo alguns estudantes da pesquisa: *“A prova com “cola” é de responsabilidade do aluno(a) que está colando”*; *“Cada aluno(a) se responsabiliza pelos seus atos”*, *“Na maioria das vezes são os próprios aluno(a)s que não dão atenção para os conteúdos ensinados em sala de aula”*. Nesse caso, a visão dos estudantes recai sobre a ação do educando em torno dos conteúdos escolares. Os outros 36% dos alunos(as) da manhã e 40% da tarde veem a “cola” como uma deficiência do sistema educacional, justificando: *“Os alunos(a)s só colam quando tem algumas deficiências nas matérias”*. *“Sim, a cola é uma deficiência da educação brasileira porque mostra como o conhecimento de*

nossos alunos(as) é pouco”.

Conforme os dados coletados, verificou-se que a maioria dos estudantes pesquisados não consideram a “cola” como consequência da deficiência do ensino das escolas brasileiras. Esses resultados nos levam a pensar a relação entre o fenômeno da “cola” e a qualidade do ensino das instituições brasileiras, que valores e dificuldades relacionados à aprendizagem do estudante durante sua trajetória escolar encontram-se presentes ou ausentes no aluno(a) que “cola”.

A “cola” conceituada como uma fraude sobre o acúmulo do conhecimento escolar do estudante, para muitos funciona como um apoio na realização das provas escritas. Apesar de ser considerada uma prática que fere o código de ética escolar sua existência é algo corriqueira nas instituições de ensino formal, mesmo que os estudantes não enxerguem a “cola” como uma consequência da deficiência do ensino das escolas brasileiras, pode-se considerar que em parte ela se encaixa nesta problemática do ensino escolar.

Na questão 7: A “cola” pode ser prejudicial a aprendizagem escolar do aluno(a)? Tem-se que: 72% dos alunos(as) da manhã e 84% dos alunos(a)s da tarde responderam sim; outros 28% dos alunos(a)s da manhã e 16% dos alunos(a)s da tarde responderam não.

Observa-se nas respostas que apesar de eles considerarem prejudicial, esta resposta se contradiz com o uso da “cola” por grande parte dos estudantes, a questão é que mesmo tendo consciência que a prática da “cola” é prejudicial para o desempenho escolar, o aluno(a) não faz dela sua inimiga, mas sim sua aliada, mesmo considerando que seja uma ato reprovável.

Na questão 8: A “cola seria uma consequência do tipo de avaliação adotada em sala de aula? Verifica-se que 72% dos os alunos(as) do período da manhã e 68% do período da tarde responderam que sim; 28% dos alunos(a)s da manhã e 32% dos alunos(a)s da tarde a “cola” responderam que não.

A partir dos dados coletados ficou evidente que para a maioria dos estudantes a “cola” é uma consequência do tipo de avaliação trabalhada em sala de aula. A cobrança por nota faz das provas uma ameaça para os estudantes então como forma de defesa utilizam a “cola” sempre que se sentirem ameaçados. Avaliações de múltiplas escolhas, provas com perguntas padronizadas, questões decorebas, o grau de dificuldade das avaliações desse tipo de prova comum nas escolas pode contribuir para a cola. Novamente, as respostas indicam um debate mais consistente sobre os métodos avaliativos.

Na questão 9: Na sua opinião é errado “colar”? Analisando as respostas do questionário: 21 (vinte e um) alunos(as) do período da manhã e 22 (vinte e dois) dos alunos(as) da tarde responderam que “colar” nas provas avaliativas é errado. Aqui anotaram para justificar: *“Sim, pois você pode alcançar boas notas, porém o mérito não será seu, e quem cola nunca aprende de verdade”.* – *“Sim, pois assim o aluno(a) não testa o que aprendeu na hora da avaliação”.* – *“Sim, porque todos os professores*

darão um conteúdo para o aluno(a) estudar então se colam é por falta de interesse nos estudos”. –“ Sim, porque sempre quem cola leva a maior nota do que aquela pessoa que estuda bastante. - Sim, porque as maiorias dos alunos(as) cola apenas para não reprovarem”.

Outros quatro alunos(as) da manhã e três do período da tarde não acham a prática da “cola” um erro. Assim justificaram: *“Não, porque só se usa esse método em um momento de dificuldade. - “Colar é apenas uma forma que o aluno(a) encontra para se dar bem nas avaliações- “Colar é apenas uma forma de tirar boas notas”. É interessante observar que neste item do questionário, novamente a maioria diz ser errada a “cola”, no entanto, as respostas anteriores denotam haver um uso sistemático desta prática, pensamos que pela necessidade de aprovação e da nota e não pela preocupação com a compreensão dos conteúdos estudados segue sendo um instrumento de melhorar as notas.*

Diante destas discussões os estudantes têm a consciência que “colar” é errado, mas faz uso da mesma em alguns casos ficando evidente que a “cola” está presente no meio dos estudantes desta pesquisa. Verificam-se neste contexto justificativas usadas pelos alunos(as) na tentativa de explicar a utilização da “cola”, dificuldades com os conteúdos, insegurança com a prova, como também pode indicar uma negligência do aluno(a) com os estudos, ou seja uma forma de obter vantagens para conseguir uma nota boa, mas sem grandes esforços (LUCKESI, 2011, p. 415). Portanto, este debate reforça este estudo compreendendo o olhar dos estudantes sobre este tema.

Por fim, apresentamos a questão aberta, em sua visão de estudante “colar” é? Considerando o grande número de respostas, nesta questão optamos por aglutinar as indicações mais frequentes por parte dos estudantes. Da turma do 3º ano A do período da manhã:

- Errado, pois um estudante que cola nunca aprende nada.

- A cola é um direito para acertar algumas questões.

- Não ter aprendido nada sobre o conteúdo. - É uma maneira de adquirir respostas sem ter conhecimento colar é errado, mas ajuda muito quando se tem dificuldades em algumas questões.

- Auxílio para a memorização.

- Método que muitos alunos(a)s usam quando não conhecem o conteúdo da prova.

-Um método de tirar dúvidas sobre o que estamos indecisos na prova. -
Consequência do medo na hora da prova e de esquecer tudo que foi estudado.
- É um modo do aluno(a) se livrar de questões difíceis. - Medo de ser reprovado.
- Normal.

A cola na visão dos estudantes que correspondem ao 3º ano do período da tarde:

- Algo usado em certas matérias, pois não lembro as diversas formulas para os demais problemas.

- É uma forma para conseguir boas notas em algo que você não sabe ou está confuso.
- Errado.
- Falta de interesse pelos estudos.
- Algo errado que na maioria das vezes é utilizado por falta de estudo da matéria que será avaliada.
- É uma forma dos estudantes que não se interessa conseguir fazer uma boa prova.
- Uma maneira de tirar boas notas.

Pode-se perceber pelas diferentes respostas dos estudantes que a “cola” acaba se tornando um ato corriqueiro dentro da trajetória escolar, por várias questões apontadas por eles como o medo da reprovação, a forma como o conteúdo é repassado.

Neste sentido tem que haver um debate mais aprofundado em torno destas questões de maneira franca e aberta, de maneira a entender que esta prática acontece não apenas por responsabilidade do estudante, mas também como a educação tem sido ofertada. Afinal, são os estudantes que estão saindo da fase final da educação básica, para ir para a universidade ou adentrar o mercado de trabalho. Avaliamos a necessidade de discutir a própria forma de avaliação que a educação formal tem utilizado para conhecer o ensino aprendido dos seus estudantes.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do processo, consideramos ter alcançado os objetivos traçados pelo estudo, já que o foco foi compreender como os estudantes do ensino médio expressam sua visão a respeito de um tema polêmico, mas existente na trajetória educacional, a “cola”.

Assim, diante dos resultados expostos nesta pesquisa, de modo geral, efetuou-se uma reflexão sobre o que pensa o aluno(a) sobre a “cola” durante o processo de avaliação do ensino e aprendizagem escolar. Tem-se que mesmo considerada como uma fraude contra a aprendizagem escolar a “cola” é, corriqueiramente, disseminada dentro das instituições de ensino da educação formal.

Vimos que os estudantes têm certa consciência de que a “cola” é um ato desonesto cometido contra sua capacidade de aprendizagem, mas entende também como uma maneira de atingir boas notas e, conseqüentemente, ser aprovados. Neste sentido, “o que predomina é a nota: não importa como elas foram obtidas nem quais os caminhos [...]” (LUCKESI, 2008, p.18).

A partir da análise do conjunto de respostas, ficou evidente que a “cola” representa para a maioria dos alunos(as) pesquisados um auxílio para memorizar os conteúdos trabalhados em sala de aula na hora da prova, as razões deste ato são as mais

variadas possíveis desde as dificuldades com os conteúdos das provas, insegurança, preocupação com a nota, medo da reprovação até o desinteresse pelos estudos.

Considera-se que nesta questão há uma única forma de avaliação sendo utilizada neste nível de ensino, e que, em muitas vezes, as provas são transformadas pelo professor em instrumentos de ameaças e não em um instrumento da aprendizagem do estudante.

Com isso detectamos, a partir dos dados coletados, que a maioria dos estudantes já “colaram” em algum momento de suas trajetórias educativas quando das provas avaliativas, em especial por considerarem como o caminho mais eficiente para aprovação. Segundo os próprios alunos(as), isto estaria ligado em parte aos métodos avaliativos utilizados pelas instituições de ensino. A “cola” surge como consequência de uma educação descontextualizada, pois no decorrer do processo de ensino e aprendizagem escolar existe uma supervalorização da nota pelas instituições de ensino e, também por parte dos responsáveis pelo aluno(a) “[...] o importante é que tenha notas para serem aprovados [...]” (LUCKESI, 2008, p.19).

O posicionamento dos estudantes pode indicar que os professores utilizam como único critério a nota da prova como indicador da aprendizagem do aluno(a), então conseqüentemente, logo existirá uma busca com foco somente para alcançar a nota necessária para o sucesso, assim “[...] as notas se tornam divindades adoradas tanto pelo professor como pelo aluno(a) [...]” (LUCKESI, 2008, p.24), para aqueles aluno(a)s (as) que por algum motivo se encontram com baixo rendimento escolar. Assim, a “cola” funcionaria como um meio para alcançá-la, então, considera-se que para este estudante a “cola” seria vista como uma prática desonesta, mas, no entanto, necessária para finalizar esta etapa da formação escolar.

Entretanto, para outros a prática da “cola” é defendida como uma prática que fere a ética da escola, considerada desonesta contra os alunos(as) que não usufruem deste ato, levando a uma falsa aprendizagem. Ao mesmo tempo, ela é vista como uma ajuda, um auxílio para o aluno(a), pois ao “colar” este aluno(a) precisa conhecer a matéria, simplificá-la, fazer pequenas anotações do que ele achar importante do que vai cair na prova, como salienta Martins (2004) a “cola” é uma forma que o aluno(a) encontrou para aprender o que quer e como quer.

Diante disto, consideramos que as avaliações fazem parte dos meios pedagógicos da escola, tornando-se peça importante para diagnosticar como a aprendizagem dos estudantes está ocorrendo. No entanto, ela não pode funcionar como algo que venha a prejudicar o aluno(a) e sim vista como uma possibilidade de identificar os avanços e as dificuldades que precisam ser trabalhadas na aprendizagem dos estudantes. Isto nos coloca uma questão, mas como identificar essas supostas dificuldades que possam vir a surgir caso esse aluno(a) utilize a “cola” para mascará-la com o intuito de tirar uma boa nota?

Para a maioria dos estudantes desta pesquisa, ficou evidente que a “cola” é uma fonte de salvação quando não se tem o total domínio dos assuntos tratados nas

avaliações escolares. A partir deste fato, reforça-se a necessidade de se repensar e ampliar os meios avaliativos que estão sendo aplicados em sala de aula. Isto significa questionar a maneira como o ensino está sendo trabalhado em sala de aula e inserir tantas outras formas que venham a despertar o interesse do aluno(a) em relação aos conteúdos das matérias trabalhadas em sala de aula, para que se possa despertar o interesse pela escola, pelo conhecimento.

Consideramos que este tema deveria fazer parte de uma ampla discussão dentro das escolas, não apenas para uma ideia de punição, mas como uma reflexão sobre os caminhos do próprio processo de ensino e aprendizagem já que tem sido algo recorrente no ensino médio. A “cola” é uma reflexão ética, no entanto também deveria ser tomada como parte do processo de ensino e aprendizagem, pois põe em evidencia a forma como tem sido tratada a avaliação educacional nos diferentes setores da educação.

Diante de tal quadro, pode-se refletir que em verdade a “cola” faz parte de uma conduta dentro da escola, para os alunos(a)s como uma ponte de salvação, para a escola um ato ilegal. É preciso estar ciente de que é necessário não só combater a “cola” durante o processo avaliativo, mas entender o porquê desse ato cometido por alguns estudantes da educação formal.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, José. **Quem não cola não sai da escola?** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

FONSECA, Selva; OLIVEIRA, Zeli. **Avaliação, Currículo e História no ensino Médio: um campo de relações** Disponível em: <http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/viewFile/209/192> > Acesso em 16 de agosto de 2016.

FREITAS, Eugenio. **Análise da “cola” no processo Ensino-Aprendizagem**, Dissertação (mestrado em engenharia de produção) Florianópolis. UFSC, 2002.

IOCOHAMA, Celso. **Reflexão sobre a cola nas avaliações do curso de Direito e indicação de uma alternativa viável para sua superação.** Disponível em: <http://revistas.unipar.journal=juridica&page=article&op=view&path%5B%5D=1317&path%5B%5D=1169> > Acesso em 14 de Dezembro de 2015.

LIBÂNIO, José. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994. - (Coleção magistério. Série Formação do professor).

LUCKESI, Cipriano Carlos, **Avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e proposições.** 19. ed.- São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Avaliação da Aprendizagem componente do ato pedagógico.** 1.ed.- São Paulo: Cortez, 2011. Avaliação da aprendizagem.

MARTINS Vicente. **A cola como direito do aluno(a) aprender como quer.** Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/037/37pc_martins.htm >. Acesso em 20 de outubro de 2015.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-461-0

